Memória de Pesquisa

*A Luta pelo Estatuto do Sujeito:Notas Acerca de uma Tese de Doutorado**

The Struggle for the Subject's Status: Notes on a Doctoral Thesis

Wedenclay Alves**

* Recebido em: 19.01.2019. Aprovado em: 11.04.2019

** [1] Wedencley Alves é professor associado da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juíz de Fora (Facom-UFJF), com mestrado em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense, doutorado em Linguística pela Unicamp, e estágio de pós-doutorado pela EHESS, Paris.. E-mail: nadsonsr@hotmail.com

Resumo: o presente doutorado, defendida em 2007 no Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, e seus efeitos sobre as atividades acadêmicas desde então. Partindo de uma meta-análise discursiva de cada questão enfrentada, de cada hipótese em jogo, e de cada reformulação e deslocamento operados desde então, tenta-se compreender de que forma, por não apelar para uma univocidade narrativa, improvável para quase 13 anos de pesquisas, reflexões e orientações, nosso percurso acadêmico é feito de errância subjetiva, lugares provisórios de conjunção e dispersão de sentidos, de indistinção, de incerteza, de trajetos, ancoragens e vestígios – visto que se constitui, justamente, como uma relação entre sujeito, discurso e história.

Palavras-chave: Comunicação; Discurso; Sujeito; Neurociência; Psicanálise.

Abstract: this article analyzes, structured as memorial, the set of questions that led us to the formulation of the doctoral thesis, defended in 2007 at Studies of Language Institute – Unicamp, and its effects on academic activities since then. Starting from a discursive meta-analysis of each issue faced, each hypothesis at stake, and each reformulation and displacement operated since then, one tries to understand how, by not appealing to a narrative univocity, unlikely for almost 13 years of research, reflections and orientations, our academic path is made of subjective errand, provisional places of conjunction and dispersion of meanings, of indistinction, of uncertainty, of paths, anchors and vestiges – since it is constituted, precisely, as a relationship between subject, discourse and history.

Keywords : Communication ; Discourse ; Subject ; Neuroscience ; Psicanalysis.

Real e de viés – nota introdutória

"Os sentidos crescem para trás", disse-me um dia, por email, a professora Eni Pulcinelli Orlandi, em uma das muitas conversas escritas que nós travamos. Não há enigma nesta expressão, apenas observação de uma vivência acadêmica que nos ensina o quanto as ações futuras ressignificam e rearranjam a sintaxe do percurso. O sentido se dá no futuro, mas na forma de um futuro do pretérito composto, o teria-sido. Imiscui-se de forma sorrateira no léxico das ações realizadas, imaginadas, abandonadas, reconduzindo-as sob novos gestos de interpretação. Como troça do tempo, no tempo, faz dos subjuntivos o realizado, e, do realizado, memória sem arquivo.

Mais de uma década após o término da pesquisa de doutorado, *A Midiatização das Neurociências: Ideologia, sujeito, discurso* (2007), defendida no Instituto de Estudos da Linguagem, penso que muito do que parecia ser figura era, se muito, fundo, plano de sustentação, e muito do que me chegava pelas franjas e frestas é que determinariam boa parte do caminho a seguir. O exercício do retorno às coisas escritas é sempre um exercício de escuta de si, um gesto de atribuição de sentidos, de tentativa de resgate, sem sucesso, do que éramos enquanto sujeito de discurso na ocasião; mas que se apresenta como um outro. Um outro num ponto de deriva na memória discursiva, e que não haveria de ser diferente. Afinal, a própria prática teórica da Análise aponta para o "movimento dos sentidos, errância dos sujeitos, lugares provisórios de conjunção e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, de incerteza, de trajetos, de ancoragem e de vestígios: isto é discurso, isto é o ritual da palavra. Mesmo o das que não se dizem" (ORLANDI, 2000).

"Quem é ele para me falar assim": eis-nos uma das questões que se põem nas projeções imaginárias, segundo Michel Pêcheux (1993). Estranho perceber que, no futuro do pretérito, esse ele, inalcançável, somos nós mesmos. Os sentidos crescem para trás porque violentamos o que fora dito; os sentidos crescem encobrindo, apagando, silenciando, resgatando o que fora excluído, desdizendo, preenchendo lacunas, inventando outras, minando certezas, fincando raízes de dúvidas. Diante disso não temos muito o que fazer.

Se, entre 2002 e 2007, período de pesquisa e da realização do doutorado no Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, sob a orientação de Eni Orlandi, a questão era a "luta pelo estatuto do sujeito" entre as principais epistemes do contemporâneo, hoje me parece que a questão não enunciada é marcada por uma interrogação sem fim sobre "a luta pelo estatuto do sujeito do sofrimento". Ironicamente, o recalque sobre o "sofrimento" nos (e perdoe-me por mudar o plano de enunciação) ... nos parece o ponto mais significativo hoje. Porque à época não nos perguntamos, explicitamente, pelo sujeito do sofrimento, se era de medicina, de neurociência, de psicanálise – estes saberes em luta – que tratávamos?

Pois bem: de lá para cá orientamos trabalhos sobre os sujeitos "auto-declarados adictos" (ALENCAR, 2019); "cartas

de suicidas nas redes" (GRASSANO, 2019); "mães angustiadas com a maternidade" (REIS, 2019), "dor e sofrimento em Clarice Lispector" (DELAGE, 2018), "saúde mental em revistas femininas" (BETTENCOURT, 2016); a "voz dos diagnosticados com HIV diante das campanhas" (COSTA, 2014); fora as pesquisas individuais como "sentidos de esquizofrenia na imprensa brasileira e francesa", "sobre a destituição simbólica', e "sobre os sujeitos da desistência', em andamento.

Quem era "ele" que nos parece ter recalcado o "sofrimento" de seus escritos? Se discursivamente o apagamento se dá na passagem da história à memória, e o silenciamento da memória ao dizer, pode-se dizer que o significante em questão fora silenciado e talvez, só por isso mesmo, continuara, como Real, produzindo efeitos (ORLANDI, 2013)[1].

Se é mera violação do que fora realmente tentado à época, torna-se questão secundária diante do fato de que, desde 2012, perguntamo-nos sobre "os sentidos na mídia sobre o bem e mal-estar" – tema claramente inspirado na feliz interlocução que travamos desde 2007, da semana seguinte à defesa da tese e por mais dez anos, com os colegas do grupo Epos (IMS-UERJ), que ajudamos a fundar, sob a coordenação de Joel Birman[2]. Assim como também impunha-se a questão dos "discursos fundadores da saúde pública no Brasil", a começar pela matriz higienista e seus desenlaces na vida de sujeitos da exclusão[3].

Mas vamos observar de perto este percurso.

Neuro: um todo-saber?

Em 2013, o sociólogo Nickolas Rose, publicaria Neuro, resultado de uma incursão no mundo dos neurocientistas. Era um alerta aos pesquisadores de Humanidades para que as justas reservas mantidas em relação a qualquer "biologização das teorias sociais" não impedissem o diálogo com um campo de saber, a das ciências da vida, que dificilmente pode ser ignorado em sua importância para a definição do que pensamos sobre nós mesmos. Rose, em sua pena tão característica, iniciava assim a sua argumentação:

> "Que tipo de seres pensamos que somos? Isso pode parecer uma questão filosófica. Em parte é, mas está longe de ser abstrata. Está no centro das filosofias pelas quais vivemos. Isso vai ao cerne de como educamos nossos filhos, administramos nossas escolas, organizamos nossas políticas sociais, administramos assuntos econômicos, tratamos aqueles que cometem crimes ou que consideramos doentes mentais e talvez até como valorizamos a beleza na arte e na vida. Ela tem a ver com a maneira como entendemos nossos próprios sentimentos e desejos, narramos nossas biografias, pensamos em nosso futuro e formulamos nossa ética. Somos criaturas espirituais, habitadas por uma alma imaterial? Somos movidos por instintos e paixões que devem ser treinados e civilizados pela disciplina e pela inculcação de hábitos? Somos únicos entre os animais, abençoados ou amaldiçoados com mentes, linguagem, consciência e consciência? Somos pessoas psicológicas, habitadas por uma psique profunda e interior, moldada pela experiência, símbolos e sinais, significado e cultura? Nossa própria natureza como seres humanos é moldada pela estrutura e funções de nossos cérebros?" (ROSE e ABI-RACHED, 2013, p.01 – tradução do

[1] É Eni, como nós a chamamos, que faz o deslocamento fundamental das discussões sobre o pressuposto, o subentendido, o implícito, e o não-dito, arenga que circulava entre a Linguística e a Filosofia da Linguagem, para a questão do silêncio e seus efeitos. O silêncio deixa de ser vácuo de sentidos, pausa, ou efeito de censura somente, para ser positivado em seus efeitos de sentido.

[2] Presente na tese com duas obras (2000, 2003),

[3] Para isso, retomamos a discussão feita por Orlandi sobre "discurso fundador" (2003), mas para pensar a saúde pública.

autor).[4]

Questões cotidianas que, longe de serem abstratas, demandam reflexões filosóficas, mas igualmente respostas de campos disciplinares os mais diversos, da política (CONNOLY, 2002) à religião (ASHBROOK, 1996). As neurociências parecem pretender trazer respostas minimamente convincentes sob um única chave de leitura, àquela marcada pela equação *sujeito-mente-cérebro*, que parece ser a ôntica dominante dos tempos modernos, contra a qual se insurgem ou resistem outras matrizes de sentido, outras epistemes, como a que sustenta a articulação entre sujeito-linguagem-história, não por acaso aquela a partir da qual nos enunciamos.

Cinco anos antes, uma das hipóteses de nossa tese era de que parte desse poder das neurociências em se estabelecer como um novo "todo-saber" se dava menos graças aos próprios desdobramentos internos da história das ciências, e mais ao modo como o discurso neurocientífico se articulara interdiscursivamente com outras esferas sociais que lhe conferiam força poucas vezes testemunhadas na história dos saberes.

> As neurociências se articulam intimamente com as *formações discursivas positivistas* dentro dos quadros epistemológicos, ao mesmo tempo – e aparentemente de forma contraditória ao purismo próprio do positivismo – com o *complexo médico industrial financeiro* e sua lógica capitalista, e, paralelamente, insere-se no contexto da *midiatização da sociedade* (ALVES, 2007, p. 09-10)

Lembrávamos que, a partir dos anos 90, "proliferava na mídia a cobertura sobre as neurociências como um campo de saber emergente capaz de apresentar modelos de explicação mais eficazes sobre o cérebro". Mas que isso desencadeava um efeito muito mais abrangente:

> A questão, no entanto, é que tanto no próprio discurso das neurociências quanto no da mídia onde teve receptividade, o estudo do cérebro foi alçado ao estatuto de uma compreensão global do homem. Associado ou não às mais recentes investidas da genética, as neurociências poderiam esclarecer temas tão díspares quanto o das consequências das taxas de neurotransmissores no humor ou na saúde física de qualquer ser humano, quanto os porquês da compulsão alimentar ou toxicomaníaca, da tendência à criminalidade, do desencadeamento de uma psicose ou mesmo da inevitabilidade da crença religiosa. (ALVES, 2007, p. 09)

Nossa argumentação à época era de que, mais do que um discurso que se reafirma a cada instante como um todo-saber, sem frestas e falhas, o que ficava à mostra é que a epistemologia é um campo de disputas ideológicas, marcada profundamente pela articulação de cada *discurso de verdade* com as esferas culturais, políticas e econômicas[5].

Tomamos o cuidado, evidentemente, de não cair num externalismo radical em relação à história destas ciências, e aqui a chave da leitura discursiva nos preveniu sobre este risco, visto que o exterior do discurso para a Análise do Discurso, que praticamos há mais de 25 anos, é o conjunto móvel, dinâmico e

[4] "What kind of beings do we think we are? This may seem a philosophical question. In part it is, but it is far from abstract. It is at the core of the philosophies we live by. It goes to the heart of how we bring up our children, run our schools, organize our social policies, manage economic affairs, treat those who commit crimes or whom we deem mentally ill, and perhaps even how we value beauty in art and life. It bears on the ways we understand our own feelings and desires, narrate our biographies, think about our futures, and formulate our ethics. Are we spiritual creatures, inhabited by an immaterial soul? Are we driven by instincts and passions that must be trained and civilized by discipline and the inculcation of habits? Are we unique among the animals, blessed or cursed with minds, language, consciousness, and conscience? Are we psychological persons, inhabited by a deep, interior psyche that is shaped by experience, symbols and signs, meaning and culture? Is our very nature as human beings shaped by the structure and functions of our brains?".

[5] O que explica em parte porque o tempo promissor da neurociência que já havia sido o século XIX não se concretizou (CLARKE & JACYNA, 1989). O deslocamento de Freud, da neurologia para a psicanálise, o fez sujeito-sintoma de um deslocamento discursivo que nos parece se justificar pela relação de forças epistêmicas, mas também políticas, culturais e sociais, daquele momento.

atravessado pela historicidade, de outros discursos com os quais mantém relação de concorrência ou equivalência[6].

O efeito dessa matriz sobre a vida cotidiana e os sofrimentos do sujeito hoje nos parece de uma evidência apenas intuída naquela tese. Milhões de pessoas recorrendo a ansiolíticos e antidepressivos, ou drogas do comportamento, como Ritalina, são de alguma forma efeito de indução, mas também de demanda. São duas séries históricas que vão se cruzar numa nova clínica do sujeito: (a) a virada neuropsiquiátrica a partir do DSM-III, em substituição ao paradigma psicanalítico, justamente a partir dos anos 60, em que se consolida uma sociedade de consumo, fluida, e sustentada sobre a ideologia da performance; (b) a emergência da financeirização do campo da saúde, espaço de investimento e retorno de tal monta que leva tanto a indústria farmacêutica quanto de tecnoimagens diagnósticas à linha de frente dos ganhos de mercado.

Toda uma discussão crítica já fora desenvolvida desde então acerca da biomedicina como cultura, na acepção mesma antropológica do termo (BURRY & DUMIT, 2007), da farmaceuticalização (ABRAHAM, 2010), do fármaco-poder (PRECIADO, 2008), sempre no esteio das já muito consolidadas discussões sobre a medicalização da vida cotidiana e do processo de transformação do "desvio" em "doença" (CONRAD & SCHNEIDER, 2010).

É neste sentido que o *sujeito cerebral* é também um *sujeito neuroquímico* e isso não é *somente uma concepção científica*, mas um discurso que estabelece um *elo identitário do sujeito com seu sofrimento e com seu desejo*[7]. Aquela discussão presente na tese de 2007 nos leva hoje a discutir a Diagnóstica Contemporânea como proposta de um campo pós-disciplinar, havendo neste espaço oportunidade para discutir questões não somente sobre o fármaco-poder (de cura), o conceito tão esclarecedor de Preciado, quanto também sobre a fármaco-potência, que articula as biopolíticas contemporâneas à compreensão do campo do gozo.

Da ciência do visível à biomídia

Desde a tese, uma série de obras e autores vieram iluminando o caminho feito de intuição e aposta. De lá para cá, um forte campo de estudos da biopolítica continuou se desenvolvendo, levando adiante e mesmo contrariando alguns pressupostos foucauldianos. Na Itália, no esteio de Agamben (2014), Esposito (2008) e Negri (com HARDT, 2005); na Alemanha, com Thomas Lemke (2011); no mundo anglófono, onde se destacam os trabalhos no Laboratório Bios[8], que funcionou até 2011; e as publicações na revista Biosocieties[9], ambos comandados por Nikolas Rose (2001), hoje, da Kings College of London, mas também reflexões que pensaram realidades tão distintas como África, América Latina, Ásia Central e Extremo Oriente (MBEMBE, 2018; NEMSER; 2016; KAUSHIK, 2006; GREENHALG, 2009).

Muitos destes trabalhos já estavam em andamento,

[6] Não precisamos entrar aqui na querela entre externalismo versus internalismo na história das ciências, esta última de base neopositivista e aquela contextualista. Basta apenas dizer que a abordagem discursiva pode ser uma terceira via ante estas duas posições, porque considera tanto os movimentos discursivos da ciência em questão como suas tensões com discursos outros, sem que se tenha que optar por sobredeterminação ou imanência.

[7] Não tínhamos o conhecimento na época do artigo de Ehrenberg sobre o sujeito cerebral, o sujeito das neurociências (2004). Mas o autor vai na mesma direção, sem atentar, no entanto, para a articulação que não pode ser ignorada, e que foi objeto de nossa tese.

[8] http://www.lse.ac.uk/researchAndExpertise/units/BIOS/home.aspx

[9] https://www.palgrave.com/gp/journal/41292

apontando para a década seguinte, quando, talvez por força da Crise de 2008 e, com a exacerbação das molas pós-democráticas do Neoliberalismo, passaram a compor uma das principais agendas acadêmicas do pensamento histórico-social.

Sujeito é acontecimento. Um ponto de deriva na memória. Se tivesse acesso a estas obras contemporâneas e posteriores a nossa pesquisa, a tese seria outra, mas talvez não fossem outros os pressupostos. Os quais se sustentam ainda quando percebemos que os processos de midiatização, tanto com o advento das diagnoimagens, quanto com a íntima relação entre corporações de mídia e o campo da saúde, se consolidaram de forma insofismável. O que estranhamento ainda vem sendo ignorado por parte dos estudos biopolíticos atuais[10].

Em 2007 e num artigo posterior (ALVES, 2011) lembrávamos que empresas do campo midiático, como EMI, GE (uma das donas da RCA, junto com a NBC) estavam integralmente vinculadas à expansão de biotecnologias de imagetização do corpo, com departamentos voltados ao mercado da saúde. Hoje, vemos que Facebook[11], Amazon[12], e Alphabet (Google)[13] se juntaram a esta corrida. Á época era uma aposta. Hoje uma confirmação. E qual efeito discursivo estas novas condições de produção têm sobre as ciências da vida? Perdoe-nos esta longa passagem, mas não teria sentido silenciar alguns elementos-chave da argumentação:

> O saber atual não basta ser visto para ser saber. Ele precisa ser visto tecno-midiatico-cientificamente. E isto é constitutivo. Ou para dizer em outros termos: não se trata de uma questão exclusiva de formulação discursiva. Não haveria um saber médico anterior à formulação do diagnóstico por imagens. Podemos arriscar que hoje as diagno-imagens são a sua materialidade, a relação entre sentido e poder se constitui em torno dessas. Portanto, estamos diante de pelo menos três fases de um saber que se dá pelo olhar, sob três constituições discursivas distintas: a primeira, o olhar da medicina cartesiana, em que "sem despojar a percepção do seu corpo sensível", era preciso "torná-la transparente para o exercício do espírito", espírito que era a própria "luz anterior ao olhar", "o elemento da idealidade"', o "indeterminável lugar de origem em que as coisas eram adequadas à sua essência e a forma segunda a qual estas a ela se reuniam através da geometria dos corpos"; a segunda fase, aquela que surge no século XVIII, seria o momento mesmo em que "ver" consistiria em "deixar a experiência em sua maior opacidade corpórea", em que a verdade já não mais viria "do espírito", mas sim de uma prática, a "da lentidão do olhar que os percorre, contorna e, pouco a pouco, os penetra" [14]. (...) Falo de uma ontologia da doença que se configura atualmente. Isso pode ser resumido da seguinte forma: vivemos na época do 'ver para saber', necessariamente nessa ordem (...) e, por fim, a nossa época, em que "ver" na medicina começa a ser "ver midiaticamente", ver não mais diretamente deixando que as coisas se revelem, mas de forma mediada pelo aparato encantador do "espetáculo da visibilidade". (SANTANA, 2007, p.148-149).

Lembrávamos então de dois processos discursivos que deveriam ser considerados:

> (a) a articulação do saber científico com as esferas da maquinaria industrial-tecnológica, e isso é condicionante para os seus formuladores – a tecnociência;
> (b) a propensão na produção das verdades não sujeitas à refutação, resultado de um positivação do conhecimento.

E sentenciávamos que "a imagem hoje é o ponto de

[10] No entanto, não eram novas à época a atenção a este fenômeno de supervalorização das imagens médicas, como podemos ver em Beaulieu (2002) e Dumit (2004). Sobre uma crítica do diagnóstico como valor de "verdade", ver Rosemberg (2002).
[11] https://www.theatlantic.com/technology/archive/2020/01/facebook-launches-new-preventative-health-tool/604567/
[12] Cuja experiência piloto está restrita por enquanto a seus empregados: https://techcrunch.com/2019/09/24/amazon-care-healthcare-service/
[13] https://verily.com/
[14] Referência a Foucault, de o Nascimento da Clínica (2001).

articulação entre esses dois processos, visto que é instrumento tecnocientífico de garantia da verdade" (SANTANA, 2007, 2011)

Foucault não teve tempo para perceber essa íntima relação entre biopolítica e acentuado processo de midiatização. Os autores contemporâneos que discutem biopolítica passaram ao largo, em boa parte das vezes, até que a velocidade dos desdobramentos tecnológicos dos fluxos de informação em rede acabou por lhes surpreender. Mas o que importa é que os efeitos sobre a constituição do saber científico são evidentes, provocando um desequilíbrio na relação de forças no campo de lutas que é a epistemologia. E se hoje nós "sequestramos" estas intuições da época impondo-lhes uma reflexão sobre o que atualmente conceituamos como "biomídias", em substituição ao que à época chamávamos de "mídias procedurais", é porque de alguma forma as leituras posteriores ou mesmo o resgate das leituras que poderiam ter sido feitas, nos levaram a um significativo deslizamento naquele ponto de deriva[15].

Por uma hipótese discursiva do inconsciente ao campo do gozo

À época argumentamos que a visualização da doença, do corpo doente, ou do corpo adoecível, redimensionaria ontologicamente o próprio estatuto do sujeito. A tese foi concluída em 2007, poucos meses antes da entrada no mercado do primeiro *smartphone*, da Apple. Os *smarts* acabariam por ser a síntese de duas séries históricas de hardwares: os celulares por um lado e os computadores de mão por outro. Com ele viriam os aplicativos. Dez anos depois, uma multidão de aplicativos médicos ou supostamente médicos promete um acompanhamento diagnóstico quase cotidiano. Além de apontar dicas para uma vida saudável, ou mesmo proceder com alertas diários para o horário da medicação, consumo de água, dieta equilibrada, prática de exercícios, e toda sorte de auto-monitoramento da saúde.

Recentemente discutíamos com amigos pesquisadores do campo da comunicação se não era possível avançar uma espécie de "análise de discursos dos objetos". Porque os objetos que preenchem nosso dia a dia são antes materializações de discursos precedentes, que tomam forma não em textualidades convencionais, mas em materiais manuseáveis, como utensílios simbólicos cuja leitura é rigidamente codificada e pouco sujeita à metaforização[16].

Um *smartphone* não é apenas a integração de duas séries históricas de hardwares, mas o encontro de discursos múltiplos como a "evidência" (ainda um efeito) de que boa parte da existência cotidiana pode ser mediada por signos informacionais, algorítmicos; de que se pode abstrair do contato físico e das injunções à proximidade subjetiva; de que nossas regras de conversação podem ser sintetizadas, sem perda de sentido, em uma série de textos curtos e áudios de uns poucos minutos; de que fotografar o mundo e a nós mesmos é algo que deva ser feito de maneira tão ritualizada como escovar os dentes e se alimentar.

Em geral, as pesquisas em comunicação buscam no

[15] Há duas referências importantes para a constituição desse termo em conceito, mas que conduzimos em outra chave: Thacker (2004) e Ajana (2017).

[16] Orlandi (1996) já tinha chamado a atenção para esta, ainda que use outras palavras, codificação rígida do que ela chama de *memória metálica*, quantitativa, que não opera da mesma forma da memória discursiva, marcada pela historicidade.

[17] Há uma significativa produção de livros e artigos sobre a "vida ou self quantificável", mas no campo da saúde parece-nos que o nome de Débora Lupton, se não o único, é um dos mais relevantes (2016).

[18] Costuma-se, fora da Análise do Discurso, reduzir o conceito de "assujeitamento" em Pêcheux àquele pensado em Althusser. Há diferenças. O "sujeito" de Pêcheux não pode não estar numa relação ideológica, assim como, para pensá-lo, não se pode ignorar o lugar do inconsciente nos processos de identificação; e, da mesma forma, ele só se realiza como sujeito no discurso. Dentro disso é difícil imaginar que a diagnóstica contemporânea, muito pautada sobre artifícios de mercado, não tenha nada a ver com ideologia ou, para aqueles que evitam este conceito, em relações de poder profundamente marcadas pela lógica do capital. Mas este sujeito pode não aceitar o mandato. Por Pêcheux, é próprio dos modos de resistência, que figura nas falhas da ideologia; ou nas frestas das relações de poder (1988b). No campo da Diagnóstica, essa contra-identificação pode ser dar como resistência à medicalização; resistência à farmaceuticalização; ou, mesmo, resistência à própria continuidade da vida.

[19] "A questão é determinar o que deve ser o sujeito, a que condições ele está submetido, qual seu status, que posição deve ocupar no real ou no imaginário para se tornar sujeito legítimo deste ou daquele tipo de conhecimento em suma, trata-se de

surgimento dos materiais os efeitos sociais derivados. Podemos, no entanto, acreditar que uma abordagem discursiva possa inverter esta ordem: o *smarphone* não abre um mundo de possibilidades; ele próprio é a materialização de uma heterogeneidade de matrizes discursivas que nele encontram síntese. O acompanhamento diagnóstico individual não é senão a afirmação de um discurso de destituição das mãos do estado social do poder de acompanhar nossa saúde; a mediação algorítmica de nossos hábitos e gestos de interpretação não é mais do que a continuidade de transformações na prática clínica que, como vimos acima, é afetada em ato contínuo pela ação de "mídias procedurais" tornando o corpo visível, quantificável[17]. Se hoje nós chamamos estes gadgets e instrumentos de biomídias é porque toda uma reflexão pós-focauldiana sobre a biopolítica e o campo da saúde foi necessária. Mas nos parece que não mudamos muito a direção das coisas: a atenção ao discurso dos objetos só não tinha esse nome.

A iconização do mal, reafirmávamos em artigo posterior,

> (...) produz efeitos de evidência e organiza arquivos do que pode ser catalogado como normal ou patológico na sociedade e na cultura. Remexe nos limites do visível e do invisível, gerando a certeza e a autoridade da afirmação médica. A articulação ciência-imagem-corpo, sob o âmbito da sensibilização espetacular da mídia, mídia pública e mídia procedural, fixa a ontologia da doença, o questionamento das causas últimas, em seu picture. Sua figura é o ser: "O cérebro doente é assim dessa forma". Há uma passagem ainda não muito percebida das doenças como categorias linguisticamente discretas para doenças como categorias formais, e esta passagem articula o novo pensamento visual médico à mediação mercadológica do saber (ALVES, 2013, p. 13).

Observemos que esse sujeito mediado em suas expectativas de saúde e doença por aparatos sociotécnicos não pode ser posto em relação de exterioridade à cultura biotecnológica que perfaz sua realidade vivida. Espera-se dele uma relação de contiguidade, uma identificação absoluta, um manejo-de-si e uma adesão à lógica algorítmica que o diagnostica. Nada é mais perceptível nesse momento que aqui se aponta para um modo de interpelação do indivíduo em sujeito (PÊCHEUX, 1988)[18], ou modo de subjetivação (FOUCAULT, 2004)[19], em que pese suas não poucas diferenças conceituais.

O nosso percurso crítico desta dominante diagnóstica contemporânea recorreu a algumas considerações psicanalíticas, junto a um debate da crítica epistemológica para pensar aquilo que à época – e não há por que desfazer – chamamos de "concepção discursiva de inconsciente". A argumentação iniciava com uma observação:

> Numa série de conferências entre 1969/1970, o psicanalista Jacques Lacan (1992) tematiza a relação entre saber e poder e o discurso do analista – que no caso lacaniano é, evidentemente, o psicanalista. (...) De uma vez só, Jacques Lacan permeia, a nosso ver, duas temáticas relativas ao eixo saber-poder: digo, uma temática hegeliano-marxista, em que associa a mais-valia ao processo de apropriação do saber pelo senhor/mestre/capitalista; e uma crítica não positivista da ciência, na qual identificamos uma relação da fala lacaniana com a tradição do

determinar seu modo de ‘subjetivação’; pois este não é evidentemente o mesmo quando o conhecimento em pauta tem a forma de exegese de um texto sagrado, de uma observação de história natural ou de análise do comportamento de um doente mental” (SANTANA, 2004, p. 235).

[20] Aqui faremos a ponte necessária com os gadgets de auto-monitoramento, que, a partir das contribuições da linguística computacional, partem do pressuposto de um sujeito lógico. À época, nos referíamos ao sujeito do estruturalismo e do gerativismo. Mas as matrizes formais-cognitivas estão postas ao lado da equação sujeito-mente-cérebro. Sujeito sem história, sem ideologia, sem inconsciente. Pura máquina orgânica a operar a diagnóstica de si. É isso que se espera dele.

dissenso (ALVES, 2007, p.96).

Utilizava-se naquele momento a expressão “tradição do dissenso”, em referência ao trabalho de Bannet (1989) que vira no pós-estruturalismo francês uma “lógica literária do dissente”. Do ponto de vista da crítica do saber, poderíamos juntar a estes Bachelard (1978a,1978b), Canguilhem (2000) e Pêcheux (1988a), que encontram, segundo Lecourt (1980), similitude na negação enfática do caráter orgânico-evolucionista da ciência, tal qual se pensa no positivismo.

Mas em que pese estas correspondências teóricas, buscávamos naquele momento a “especificidade deslocadora da Análise de Discurso” em relação à Psicanálise, mas numa outra chave que não há algum tempo repetida:

> O enunciado-chave da relação entre Análise de Discurso e psicanálise talvez não devesse sugerir – na medida em que enfatiza a elisão dessa questão pelo inconsciente – qualquer esquecimento do ideológico pela psicanálise: isto seria um apagamento cometido pela AD. Mesmo se considerarmos que Lacan evita se posicionar numa abordagem crítico-ideológica, o que leva a obra desse autor a um desdobramento que sugere um efeito de rechaço. Entendemos como efeito de rechaço o resultado de um gesto de interpretação que, por analogia, atira para longe um objeto – de discurso – em tal momento inapropriado – justamente por ser compreendido como um perigo à própria interpretação. A exemplo de Foucault, Lacan rechaça o termo ideologia para marcar uma posição ante o althusserianismo predominante naquele momento acadêmico (ALVES, 2007, p. 97).

“Rechaço também é resistência”, seguíamos argumentando, prevendo nesta frase “um gesto que denuncia a importância do objeto rechaçado para a própria constituição do discurso que rechaça”. Mas em que sentido é relevante efetuar um deslocamento aparentemente tão sem importância? Compreender como a psicanálise elabora sua “crítica do poder” e não apontando para o seu esquecimento, nos colocaria de frente com um desafio a mais, que é: se lá há crítica do poder, como poderemos dialogar com ela, quando recuperamos na posição de entremeio a hipótese do inconsciente?

> De antemão é evidente que há realmente uma fenda mínima e constitutiva que faz da AD um o de recusa, por parte da AD, mas revigoramento. A AD revigora o que os três campos esmaeceram; evidencia o que foi silenciado, e não esquecido, pelas necessidades próprias que essas disciplinas tiveram que enfrentar ao longo da história acadêmica. O que na realidade clínica corresponde ao recalque. Visto que, bem entendido, o histórico revive no estruturalismo como o acontecimento cristalizado pela própria estrutura, portanto passível de ser estudado por comparações sincrônicas; da mesma forma que o que é recalcado é a figura do falante – cuja exclusão, sim, é uma perda constitutiva – já que o sujeito comparece na forma-sujeito da ciência, sujeito universal (ALVES, 2007, p. 98)[20].

O que encaramos com alguma naturalidade hoje, parecia-nos demasiado ambicioso à época: empreender essa metapsicanálise, visto que não viemos da tradição nem clínica nem filosófica. Mas era outra coisa que fazíamos, era a análise de discurso de um certo momento da reflexão lacaniana, para nele encontrar um diálogo crítico com a questão do inconsciente,

relacionando-o à uma clínica do saber e do poder. O que nos fazia perceber um todo coerente, embora heterogêneo, em passagens como esta do autor:

> O saber, então, é posto no centro, na berlinda, pela experiência psicanalítica Isto, por si só, nos impõe um dever de interrogação que não tem razão alguma pra restringir seu campo. Para dizer de uma vez, a ideia de que o saber possa constituir de algum modo ou em algum momento, mesmo que seja de esperança no futuro, uma totalidade fechada – eis o que não tinha esperado pela psicanálise para parecer duvidoso (LACAN, 2008, p. 28-29).

A psicanálise, portanto, trazia-nos algumas chaves, junto a autores como Canguilhem e Bachelard e, evidentemente, aos próprios mestres fundadores da Análise de Discurso, Pêcheux em especial, para compreender a neurociência como este ideal de totalidade, de um todo-saber, que de alguma forma não se desfez dez anos depois. Mas ancorávamos esta discussão epistemológica a uma discussão política e econômica, mais especificamente hoje aos auspícios do neoliberalismo, expressão que à época evitamos utilizar.

> Não é ainda casual o fato de que o campo da positividade está intimamente relacionado à praxeologia, própria às "ciências de mercado": economia, ciências de gestão, biotecnologias, física aplicada, engenharias de toda ordem, linguísticas computacionais, etc. Neles, o discurso do mestre – o saber-ciência – é ou coincide francamente como se o discurso do capitalista, e a inversão operada pelo analista – falamos da inversão algébrica do esquema lacaniano dos quatro discursos, mas também da inversão de uma ordem científica – significa repor a ciência em perspectiva (ALVES, 2007, p. 99).

Esse intrincamento mutuamente constitutivo entre ciências do mercado, biotecnologias, estatuto sociotécnico do sujeito, desvalorização da Humanística e da crítica, embora não possa ser visto como um único e só movimento, acabara por ser o objeto de análise preferencial da tese. Não é proposto aqui fazer uma retomada termo a termo dessa (longa) discussão, mas esse percurso, ainda que sinuoso, nos assegurava um modo de apropriação analítico-discursiva da hipótese central da clínica sem que fizéssemos uma importação *in natura* de seu conceito-base. Justificávamos isso da seguinte forma: "para que a questão do poder – ou da ideologia – seja revigorada na hipótese discursiva do inconsciente, é necessário que se perceba o que há de histórico na teoria originária do inconsciente, que é da própria psicanálise" (ALVES, 2007, p. 99).

Retomando os argumentos da época, lembramos, com Pêcheux, que a "forma sujeito da ciência é constituída historicamente no mesmo processo de constituição da forma-sujeito individualizada do capitalismo – o que, sob certo aspecto, é uma outra face da mesma moeda" (ALVES, 2007, p. 101).

Dado batimento inevitável entre ciência, discurso e ideologia, acreditávamos sustentar a hipótese discursiva do inconsciente, a partir do pressuposto de que que a filosofia da ciência é um campo constituído pelos mesmos embates da história:

> Não haveria, portanto, exterioridade entre as

> contradições históricas e as opções teóricas. Mas podemos ver com mais cuidado como as contradições históricas e as ideologias teóricas afetam o sujeito e seus modos de subjetivação. Embora haja formações discursivas dominantes para o sujeito, sabemos que outras o atravessam. Não se trata, portanto, mais de valorar positiva ou negativamente as ações do inconsciente – no nosso caso, os discursos silenciados que constituem e atravessam o sujeito. (...) No inconsciente atravessam as formações discursivas não-dominantes para o sujeito, que emergem nos lapsos, nos não-ditos. Nas emergências insidiosas destes discursos, as formações dominantes são submetidas a falhas, embora o aparato imaginário possa de imediato reconduzir o sujeito a uma univocidade. Ora, tanto as FDs dominantes quanto as outras são materializações de formações ideológicas, geralmente em conflito. Tanto umas quanto as outras também são operadas por mecanismos de identificação e contra-identificação, de demandas e pertencimento ao grupo, e de desejos nem sempre bem quistos no grupo (ALVES, 2007, p. 101).

É curioso como à época nossa preocupação eram os embates de uma certa teoria psicanalítica e uma certa teoria materialista. Esses diálogos jamais foram abandonados, mas houve alguns deslizamentos importantes. Mas para que estes deslizamentos fossem possíveis, sem anarquizar os pressupostos epistemológicos da Análise do Discurso a que nos filiamos, seguimos fiéis ao que marca a disciplina desde seus princípios: estamos num campo de entremeio; em que a AD se lança continuamente num diálogo crítico com teorias do poder, teorias do sujeito e teorias da linguagem assentadas. Operando por questionamentos e interrogações, expondo o que está desvanecido em cada uma dessas matrizes, agindo por suas frestas, suas falhas, estabelecendo-se como um campo teórico ciente de suas possibilidades e limites. Mas mudanças na ordem do interdiscurso levam-nos a pensar como a movência de outros discursos disciplinares movem-nos da mesma forma.

De lá para cá, aprofundaram-se reflexões sobre o *campo de estudos da biopolítica*, efeito de exterioridade direto da nossa imersão cada vez mais obstinada no âmbito da saúde – e pelo fato de as ciências da vida e da linguagem, para nós, serem tão constitutivas da modernidade áurea ou tardia quanto a economia política o era para os neomarxistas; da mesma forma, uma outra fase lacaniana se tornou premente: a discussão sobre o chamado *campo do gozo*, a partir da virada do vigésimo seminário (LACAN, 2008). E mais ainda a observação de que a materialidade linguística deve ser ao mesmo tempo aprofundada até os seus limites ínfimos e atravessada em direção a outras materialidades significantes, o percurso cada vez mais evidente entre teóricos da Análise do Discurso. A imagem, a cidade, as sonoridades de toda ordem, além dos fonemas, da prosódia, os silêncios. Um mundo de possibilidades naquilo que chamamos de *materialidades ampliadas*. Todos estes *vértices* operados discursivamente, sem importações *in natura* das disciplinas de diálogo.

Segue então a formulação que muito lembra a origem de nossas atitudes: a Análise do Discurso que praticamos interroga os estudos do biopolítico – este que é chamado por alguns autores de neomaterialismo – pelo simbólico que ignora; questiona a tese do gozo até o limite de sua teoria do poder que

esvanece, e pressupõe que o lócus de observação será sempre a materialidade significante.

Surge, não por acaso uma tripla articulação, em torno do corpo e da vida, postos em jogo tanto pelos estudos da biopolítica, corpo e poder; quanto pela experiência do gozo, o corpo como substância gozante; quanto anda pelas materialidades ampliadas, que remetem em uma última instância à corporeidade dos sujeitos do discurso. Ou como antecipamos aqui num texto ainda em construção:

.

> Portanto, ao analista cabe perscrutar os corpos, compreender suas paráfrases e polissemias, ler nos enquadramentos posturais, mas também nas descomposturas, no traço de altivez e de apelo, ameaça, imponência ou humildade, inibição, no riso aberto ou no sorriso tímido e disfarçado, na ironia dos lábios, nos olhares de encanto e de ira, nos franzis do rosto, na voz que emana, na vestes, na indumentária... ver em cada detalhe, a inscrição da memória, o jogo tenso entre mesmidade e diferença se perfazendo. Ler a textualidade corpórea é identificar onde há sintoma de uma posição discursiva; onde há indício de historicidade e circunstância; onde vemos vestígios das formações discursivas normativas ou revolucionárias, avizinhadas no interdiscurso das corporeidades, na intercorporeidade, onde, enfim, o sentido se presentifica, estrutura ou acontecimento fazendo história na carne e no gesto[21].

Avanços e retomadas; e os sentidos que crescem para trás nos alavancam para novas questões. É futuro do pretérito, mas felizmente, não só.

Conclusão: por uma diagnóstica contemporânea

A escrita deste memorial coincide com um ponto de virada. Recentemente cadastramos um novo programa de pesquisa junto à Universidade Federal de Juiz de Fora. Os dois anteriores, *Discursos na mídia sobre o bem e o mal-estar*; e *Imprensa e discursos fundadores da saúde pública no Brasil*, estão sendo incorporados como eixos a uma nova questão de fundo: *A Diagnóstica Contemporânea* em seu aspecto discursivo. Por obrigações institucionais, continuamos refletindo sobre o lugar da Comunicação neste âmbito, mas vem ficando clara uma certa autonomia da reflexão frente aos muros disciplinares.

Escrevo – e volto à singularidade no plano enunciativo – em meio a uma pandemia, que abre um horizonte de possibilidades. Abertura tão ampla que sequer sabemos identificar em que esferas da sociedade, ou da existência humana, poderemos ter deslocamentos, rupturas, ou simples retomadas.

Diante do incerto, a única questão hoje é saber como o mundo dá e dará conta de seus males. O problema é que a identificação/designação/nomeação de males é sempre um objeto de disputa. A diagnóstica contemporânea pode sofrer movimentos radicais ou reafirmar velhas hegemonias. Enfim, uma questão discursiva, onde o simbólico e o político estão sob tensão absoluta, o diabo continua na rua, e a vida se equilibra no meio desse redemoinho.

[21] Texto em produção. A referência aqui a Pêcheux (2002) é explícita.

Referências

ABRAHAM J. Pharmaceuticalization of Society in Context: theoretical, empirical and health dimensions. *Sociology*. 2010. 44: 603-22.

AGAMBEN, G. *Homo Sacer:* o poder soberano e a vida nua 1. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

AJANA, Btihaj. *Governing through biometrics:* The biopolitics of Identity. Londres: Palgrave Macmillan, 2013.

ALENCAR, Luana L R. *Dos excessos contemporâneos:* os discursos de si sobre o uso problemático de drogas, em blogs pessoais. Dissertação de mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2019.

ALVES, Wedencley. *A Midiatização das Neuro(ciências):* Ideologia, sujeito e discurso. Tese de doutoramento. Campinas: IEL, 2007.

ALVES, Wedencley. O Espetáculo do Saber: corpos, imagens e materialidades médicas. Revista *Epos*, vol.2, n. 2. Rio de Janeiro, 2011.

ASHBROOK, James B. *Interfacing Religion and The Neurosciences:* a review of twenty-five years of exploration and reflection. Zygon, Chicago, EUA: Blackwell Publishing, 1996.

BACHELARD, Gaston. *A Filosofia do Não*. Col. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978 a.

BACHELARD, Gaston. *O Novo Espírito Científico.* Col. Os pensadores. *São Paulo:* Abril Cultural, 1978 b.

BANNET, Eve Tayor. *Structuralism and the Logic of Disse*nt. Barthes, Derrida, Foucault, Lacan. N. York: Springer-Verlag, 1989

BEAULIEU, Anne. *Images Are Not the (Only) Truth:* Brain Mapping, Visual knowledge, and Iconoclasm. Science, Technology & Human Values. Vol. 27, no 1. 2002. pp. 53-86.

BETTENCOURT, Alice E. *Discursos sobre Saúde Mental Feminina na Revista Claudia*. Dissertação de mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2016

BIRMAN, J. *Entre o Cuidado e o Saber de Si:* Foucault e a Psicanálise. 1. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BIRMAN, J. *Mal Estar na Atualidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BURRY, Regula V. DUMIT, Joseph. *Biomedicine as Culture:* Instrumental Practices, Technoscientific Knowledge and New Modes of Life. Londres: Routledge, 2007.

CANGUILHEM, Georges. *O Normal e o Patológico*. Rio de Janeiro: Foresnse Universitária. 2000

CLARKE, Edwin e JACYNA, L. S. *Nineteenth Century Origins of Neuroscientific Concepts*. Chicago: University of Illinois Press, 1989.

CONOLLY, William E. *Neuropolitics:* Thinking, culture, speed. Minneapolis and London: University of Minnesota Press, 2002

CONRAD, Peter. SCHNEIDER, Joseph. *Deviance and Medicalization:* from badness to sickness. Filadelfia: Temple Univ. Press, 2010.

COSTA, Stéphanie L. M. *Comunicação, Campanhas e Bioidentidades:* discursos sobre o HIV entre governos, OSCs e soropositivos. Dissertação de mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2014.

DELAGE, Renata. *O Direito à Angústia:* as colunas de Clarice no JB como espaço político de uma subjetivação resistente. Dissertação de mestrado. Juiz de Fora: 2018.

DUMIT, Joseph. *Picturing Personhood. Brain Scans and Biomedical Identity*. Oxford: Princeton University Press, 2004.

EHRENBERG, Alain. Le Sujet Cérébral. *Revue Esprit*, n. 309, 2004, pp. 130-155.

ESPOSITO, Roberto. *Bios:* Biopolitics and Philosophy. Minnesota: Univ. Minnesota Press, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos V:* Ética, Sexualidade, Política. São Paulo: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001

GRASSANO, Antonio A. *Discursos Suicidas em Redes Sociais*. Dissertação de mestrado. Juiz de Fora UFJF, 2019.

GREENHALG, Susan. *The Chinese Biopolitical:* facing the twenty-first century. New Genetics and Society, 28: 3. Londres: Routledge, 2009, p. 205 – 222

HARDT, Michael. NEGRI, Antonio. *Multidão*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LACAN, Jacques. Mais ainda. *O Seminário. Livro 20*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. *O Avesso da Psicanálise. O seminário. Livro 17*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LECOURT, Dominique. *Para uma Crítica da Epistemologia*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1980.

LEMKE, Thomas. *Biopolitcs:* An advanced introduction. N. York: New York Press, 2011.

LUPTON, Débora. Self-tracking, health and medicine. *Health Sociology Review*, vol. 26, 2016, pp. 01-05

KAUSHIK, Sunder R. *Biocapital:* The Constitution of Posgemonic Life. Durham: Duke University Press, 2006.

MBEMBE, Achille. *Necropolitica*. Ed. 3. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NEMSER, Daniel. Biopolitics in Latin America. In SANGEETA, Ray e SCHWARZ, Henry. *The Encyclopedia of Postcolonial Studies***.** Nova Jersey: Willey-Blackwell, 2016.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *As Formas do Silêncio:* no Movimento dos Sentidos. 6a. Ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2013.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso Fundador*. *A Formação do país e a Construção da Identidade Nacional*. Campinas: Ed. Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Interpretação:* Autoria, Leitura e Efeitos do Trabalho Simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, Michel**.** *O Discurso, Estrutura e Acontecimento*. São Paulo: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, F. e HAK, T. (orgs):

Por uma Análise Automática do Discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. Unicamp, 1993.

PECHEUX, Michel. *Semântica e Discurso*. Crítica a uma reafirmação do óbvio. Campinas: Editora Pontes, 1988a.

PÊCHEUX, Michel. "Só há causa daquilo que falha" in: *Semântica e Discurso. Crítica a uma reafirmação do óbvio*. Campinas: Editora Pontes, 1988b

PRECIADO, Paul B. *Testo Yonki*. Madrid: Espasa-Calpe, 2008.

REIS, Nara J. dos. *Desromantização da Maternidade:* uma análise discursiva de desabafos anônimos. Dissertação de mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2019.

ROSE, Nikolas. *The Politics of Life Itself*. Theory Culture & Society. Vol. 18: 2001, p. 1-30.

ROSE, Nikolas; ABI-RACHED, Joelle. *Neuro. The New Brain Sciences and the Management of the Mind*. Princeton: Princeton

University Press, 2013.

ROSENBERG, Charles E. The tyranny of diagnosis: specific entities and individual experience. *Millbank. Q*, 80 (2) 2002; pp. 237-260.

THACKER, Eugene. *Biomedia*. Minnesota: Univ. Minnesota Press, 2004.